

**A TRADIÇÃO EM FAZER RENDA DE BILROS: ESTUDO DE CASO DAS ARTESÃS
DA PRAINHA, AQUIRAZ – CE**

Ana Julia Melo Almeida*

Francisca R. N. Mendes**

Maria Sílvia Barros de Held***

RESUMO

Este trabalho se constitui em relatar o criar e o saber-fazer da renda de bilros das artesãs da Prainha, localidade do município de Aquiraz, CE, abordando as subjetividades presentes no universo das rendeiras, como elas articulam a renda no seu universo cultural, e as reflexões específicas do processo criativo, com o intuito de entender o criar e o domínio da técnica das artesãs.

Palavras chaves: Renda de bilros, Processo criativo, Saber-fazer.

* Autora, graduada em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará, em dezembro de 2009. Cursou disciplinas de antropologia e cultura latino-americana na Université Lumière Lyon II, em Lyon (França), onde realizou intercâmbio universitário. Atualmente, cursa o mestrado em Têxtil e Moda na Universidade de São Paulo onde pesquisa sobre o processo criativo das atividades artesanais e o seu diálogo com a moda.

ajulia.melo@yahoo.com.br

** Co-autora, graduada em História pela Faculdade de Filosofia D.Aureliano Matos-FAFIDAM/UECE (2000). Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará/UFC (Agosto/2004), onde também concluiu o Doutorado em 2009. Realiza pesquisas sobre o artesanato cearense. Membro do Laboratório de Estudos da Oralidade-LEO (UFC) e da Comissão Cearense de Folclore. Também compõe a Diretoria da Comissão Nacional do Folclore (2009-2012) e é professora adjunta do setor de História e Pesquisa da Moda do Curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC).

*** Co-autora, possui graduação em Artes (1974) e em Publicidade / Propaganda (1974) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Mestrado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1983) e Doutorado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1990). Atualmente é Professora Doutora efetiva da Universidade de São Paulo, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP) em RDIDP no Curso de Têxtil e Moda, na área de Design e Moda e é Membro do ICOM - International Council of Museums / UNESCO, desde 2000.

**THE TRADITION AROUND BOBBIN LACE MAKING: A STUDY WITH THE
ARTISANS FROM PRAINHA, AQUIRAZ IN CEARÁ (BRAZIL)**

ABSTRACT

This article relates the know-how and the way to create bilro lace of the artisans from Prainha, in Aquiraz, CE, Brazil. It approaches the subjectivity inside the universe of lacers, how they articulate the lace inside their cultural universe and the specific reflections of the creative process, in order to understand the way to create and the technique domain of them.

Keywords: Bilro lace, Creative process, Know-how

Introdução

A Prainha é uma vila de pescadores localizada no município de Aquiraz (CE), distante cerca de vinte e seis quilômetros da capital, Fortaleza. A principal atividade econômica da região foi por muito tempo a pesca artesanal, que permitiu a sobrevivência das famílias da comunidade. Aliada à pesca, desenvolveu-se entre as mulheres locais, há muitas gerações, a feitura de renda de bilros. Essas duas atividades convivem, paralelamente, há muito tempo na Prainha.

A região do Brasil em que a renda de bilros está mais presente é a região Nordeste, porém encontramos registros da atividade em outros estados do Brasil. Os lugares no Brasil em que podemos achar renda de bilro são Alagoas, Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Santa Catarina.

A renda de bilros é uma prática muito antiga e ainda não há consenso entre os estudiosos a respeito de onde ela é originária. Em sua caracterização atual, aparece no início da Idade Moderna, sendo trazida ao Brasil pelos europeus que aqui chegaram. No livro *Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos*, a autora afirma que “a renda já existia no Oriente e chegou ao Ocidente na segunda metade do século XVI por intermédio das Cruzadas.” (PEZZOLO, 2004, p.225).

É difícil apontarmos o início desse artesanato, tanto no Brasil quanto a sua chegada ao Ceará, mas podemos afirmar, a partir do que nos diz a história da colonização brasileira, que a renda foi trazida por mulheres portuguesas e imediatamente assimilada pelas nativas, por elas terem uma grande facilidade, pois já praticavam a arte milenar do trançado.

A tradição da renda provavelmente chegou ao Brasil pelas mãos das mulheres portuguesas que vieram acompanhando

seus maridos marinheiros. O ditado popular “onde há rede há renda” bem justifica a permanência dessa arte junto ao litoral e ao longo dos rios. No entanto, não há indicação precisa sobre a data em que foi introduzida e o ponto de partida. Alguns autores consideram que, no Nordeste, sua introdução poderá ter sido feita pelos holandeses, já que Flandres era um importante centro de produção de rendas, tanto de agulhas como de bilros. (FLEURY, 2002, p.73)

Esse sincretismo está diretamente ligado ao processo de constituição das nações modernas. A população nativa incorporou hábitos e ensinamentos europeus que, somados as suas próprias práticas, resultaram na formação de uma cultura híbrida. Alfredo Bosi, em *Plural, mas não caótico in Cultura brasileira: temas e situações*, afirma que:

Não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. (1987, p. 7)

No ensaio *A educação e a cultura nas constituições brasileiras*, presente no mesmo livro, o autor continua a discorrer sobre a faceta plural da cultura brasileira. Ele atesta que “a sua forma complexa e mutante resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas” (BOSI, 1987, p.217).

O termo “cultura popular” é definido como reação de oposição à cultura erudita, um domínio presente nas práticas populares, uma expressão espontânea do povo. O artesanato pode assim ser enquadrado nessa realidade, sendo resultante de uma prática coletiva popular.

Interessa-nos abordar aqui o universo cotidiano da rendeira, o saber-fazer renda e o processo criativo de nossas artesãs, e como as ligações holísticas do ato de criar são associadas aos processos afetivos e sociais: a alma e o destino transformados em vitalidade pelo constante entrelaçar dos bilros.

1. O universo da rendeira

*“Os espinhos espetando
Para que a linha se prenda;
Vai tecendo, vai traçando
O seu destino na renda.”¹*



Figuras 1, 2 e 3 – Da esquerda para a direita: a rendeira Helena, ao lado de uma arara repleta de produtos, a rendeira Maria e a rendeira Elizabete, trabalhando na renda. Foto: Eduardo Paschoal (2009).

A renda de bilros e o mundo feminino estão intimamente interligados. Na Prainha, as mulheres aprendem a renda na infância de modo bastante espontâneo, aprendizado transmitido pela tradição familiar. As mulheres mais velhas da comunidade passam o que sabem para as mais novas, na maioria das vezes ainda meninas, por volta dos seus sete a oito anos de idade. Para Porto Alegre (1994, p.59), o aprendizado da produção artesanal não é obtido na escola, mas no próprio convívio com esse universo de criação, da experimentação, da arte.

¹ Trecho do poema: a rendeira de Augusto Linhares

“Eu aprendi olhando minha mãe fazer, ela aprendeu com a mãe dela [aponta para outra rendeira].”²

A naturalidade do aprender e a iniciação baseada na transmissão pela tradição oral estão presentes na fala da rendeira Elizabete, que complementa o discurso de Porto Alegre (1994). A renda vem sendo transmitida ao longo das gerações de modo espontâneo, uma manifestação cultural frente às adversidades da vida.

Outro aspecto bastante semelhante na trajetória de vida dessas mulheres é a figura do marido, em sua maioria pescador. Elas são testemunhas da saudade e das preocupações constantes quando os maridos estão em alto-mar e, enquanto os esperam, entrelaçam os fios na almofada, encontrando no seu instrumento de trabalho um confidente.

“A rendeira é mulher de pescador, o pescador sai pro mar, passa três, cinco, oito dias no mar... Aí você, enquanto ele tá lá se sacrificando, trabalhando, arriscando a vida, uma vida perigosa, você não vai ficar pelo meio do mundo, batendo perna. Aí você já tem essa amiga, porque isso aqui é uma amiga de primeira linha. A minha mãe, ela costuma dizer que a almofada é a melhor amiga que ela teve até hoje, porque ela disse que conta as coisas dela tudinho, passava o dia todinho furando ela, botava ela pra cima, botava ela pra baixo e ainda dava dinheiro a ela e ela nunca dizia nada, nunca contava os segredos dela pra ninguém. Quer dizer, tem ouvido, mas não fala.”³

O relato da Dona Maria remete à mitologia grega, descrita no livro de Catherine Fleury (2002, p.128): podemos nos reportar à mitologia grega ao falar de Penélope, que tecia durante o dia e desfazia durante a noite o fio trançado, num

² Entrevista realizada com a rendeira Elizabete em 16 de outubro de 2009.

³ Entrevista realizada com a rendeira Maria do Lauro em 08 de outubro de 2009.

trabalho interminável, à espera do regresso de seu amado Ulisses, cujo retorno a salvaria de um casamento indesejado. Bem podemos associá-las às mulheres de nossos jangadeiros, que fazem renda enquanto esperam seus maridos regressarem do mar.

Além de a rendeira preencher o tempo no entrelaçar dos bilros, ocupando a mente enquanto o marido passa dias no mar, ela também acaba complementando o orçamento doméstico.

“Ele saía pro mar e eu nem com a água dos potes eu ficava. Aí eu ia trabalhar na almofada, fazer qualquer coisa pra vender pra comprar o que fosse, por que ele saía pro mar e não deixava nada e se num fosse eu...”⁴

Percebemos, no depoimento da rendeira Santa, a trajetória de muitas rendeiras da Prainha que buscam nos trabalhos com renda de bilros uma complementação do orçamento familiar. Embaladas pelas batidas dos bilros, escutamos das rendeiras Elizabete e Olenir a exceção a esse quadro, relatando o compromisso para com o sustento dos filhos.

A renda de bilros na Prainha desenvolveu-se, assim, como uma atividade complementar à pesca. As rendeiras, na maioria das vezes, mulheres de pescadores, ocupavam o tempo fazendo renda, contribuindo, assim, nas despesas de casa. Dentre as rendeiras entrevistadas, a rendeira Helena é a única que não tem ou não teve marido pescador.

O trabalho e a vida cotidiana dessas mulheres se confundem e se entrelaçam em todos os aspectos, não existindo uma separação entre trabalho e modo de vida, uma característica comum em atividades artesanais.

A renda é feita entre um fazer doméstico e outro. O trabalho na almofada não compromete as tarefas domésticas e nem as obrigações e os cuidados com os filhos.

⁴ Entrevista realizada com a rendeira Santa em 16 de outubro de 2009.

Era realizada ao longo e ao fim do dia entre uma tarefa e outra. Eram também tarefas compartilhadas em sociedade com amigas e vizinhas.

Para Porto Alegre (1994, p.136), é essa simbiose entre trabalho e cotidiano que “atrai e fascina o observador”, pois, por meio dos objetos, são reveladas partes da “vida diária, das praticas religiosas, das crenças, das festas, das tarefas domésticas, da dura luta pela sobrevivência”.

Dona Maria do Lauro afirma⁵ que antes da criação do Centro das Rendeiras da Prainha, as mulheres se reuniam para trabalharem juntas. Segundo ela, antes, o espaço era debaixo do coqueiro, “então se juntava aquela turma de seis, oito mulheres e ia todo mundo trabalhar ali, quer dizer, é uma forma de a gente esquecer e o tempo passar mais rápido”.

Fazer a renda durante a semana e sair aos fins de semanas para vender fazia parte do cotidiano da maioria das rendeiras da Prainha, visto que elas não tinham um lugar certo para apresentar os seus produtos.

“As pessoas iam vender nas caixas, agora eu nunca sai não, quem vendia meus trabalhos era uma rendeira aqui, aí vendia, levava os trabalhos e passava era muitos dias, muié...”⁶

Um fato observado durante os diálogos com as artesãs é a existência da solidariedade e do companheirismo que se desenvolveu entre elas. Nos relatos das rendeiras, as suas concepções a respeito de orgulho, trabalho, filhos, casamentos e dificuldades se misturam e se confundem, como peças do mesmo e único ato de viver, vão ganhando forma e retratando o modo de vida de um povo que, por meio das tradições, reinventa o cotidiano num exercício de constante adaptação.

⁵ Entrevista realizada em 08 de outubro de 2009.

⁶ Entrevista realizada com a rendeira Santa em 16 de outubro de 2009.

Ao analisar a renda como atividade feminina, algumas características ganham destaques, sendo consideradas próprias às rendeiras. Nós as consideramos mulheres caprichosas e pacientes, atributos inerentes para quem trabalha horas a fio habilidosamente com os bilros.



Figura 4 – A rendeira Maria enrolando a linha no bilro. Foto: Eduardo Paschoal (2009).



Figura 5 – Imagem do fazer renda. Foto: Eduardo Paschoal (2009).

Quando perguntamos à rendeira Maria do Lauro o que seria necessário para ser rendeira, ela respondeu de bastante clara e direta:

“Pra ser rendeira, o primeiro passo é gostar, porque tudo que você vai fazer você vai fazer com gosto. Até uma comida que você vai fazer, se você for pro fogão e não for com gosto de fazer aquela comida, ela não sai boa não. É a mesma coisa. Você pega uma almofada dessas, se você não vai com vontade, é claro que não vai ficar bom. E outra coisa, você tem que ser paciente. Eu hoje talvez não chegue aqui no meio [referência à toalha que estava fazendo na ocasião]. Você tem que ter muita paciência, você tem que ser zelosa, você não pode deixar o trabalho cheio de nó, porque é horrível.”⁷

Ao indagarmos a rendeira Elizabete o porquê da utilização constante dos motivos florais, ela demonstrou a sua concepção de beleza para a renda.

“Se não tiver essas flores [referindo-se à utilização do desenho de margaridinha dentro da renda], num vai ficar bonito.”⁸

O julgamento constante que as artesãs fazem de suas peças durante a realização da renda nos mostra que esse processo é repleto de tentativas, além de concepções próprias de beleza. O zelo e a paciência estão inseridos dentro do saber-fazer das artesãs, como características inerentes ao auto-reconhecimento de ser rendeira.

“Eu vou ter que desfazer aqui [referindo-se ao erro cometido durante o fazer renda], eu num vou fazer uma renda feia, que tipo de rendeira sou.”⁹

A sensação de satisfação gerada por ser capaz de produzir algo bem-feito e bem-acabado é motivo de orgulho, além de diferenciá-las por realizarem uma atividade que elas mesmas falam que não é “pra qualquer pessoa”.

⁷ Entrevista realizada em 08 de outubro de 2009.

⁸ Depoimento da rendeira Elizabete realizado em 08 de outubro de 2009.

⁹ Depoimento da rendeira Maria do Lauro realizado em 08 de outubro de 2009.

“Não é todo mundo que sabe fazer renda, tem que ter capricho.”¹⁰

A renda de bilros é feita sobre uma almofada com enchimento de materiais diversos; a almofada é em geral recoberta de tecido, podendo ser presa num suporte de madeira.

Na comunidade da Prainha, a maioria das rendeiras apóia a almofada feita com enchimento de palha seca e recoberta de tecido de chita em estruturas de madeiras que se cruzam formando um X, uma espécie de cavalete. Elas trabalham sentadas em um banquinho conhecido por elas como tamborete¹¹, ou em cadeiras de plástico.

As artesãs utilizam almofadas em formato de cilindro. A almofada é a base sobre a qual se executam as rendas e nela se prende o cartão com o esquema furado em cima do qual irão se trançar os bilros. O cartão, também chamado de *pique*, é conhecido por algumas rendeiras como molde, é uma espécie de guia feito com pequenos furos com o desenho da renda a ser executada. Esses cartões são armazenados cuidadosamente em caixas, podendo ser trocados umas como as outras ou até vendidos para a cópia.

¹⁰ Depoimento da rendeira Helena realizado em 08 de outubro de 2009.

¹¹ Tamborete é um pequeno banco, geralmente em madeira, baixo e pequeno, sem braço, com assento para apenas uma pessoa.

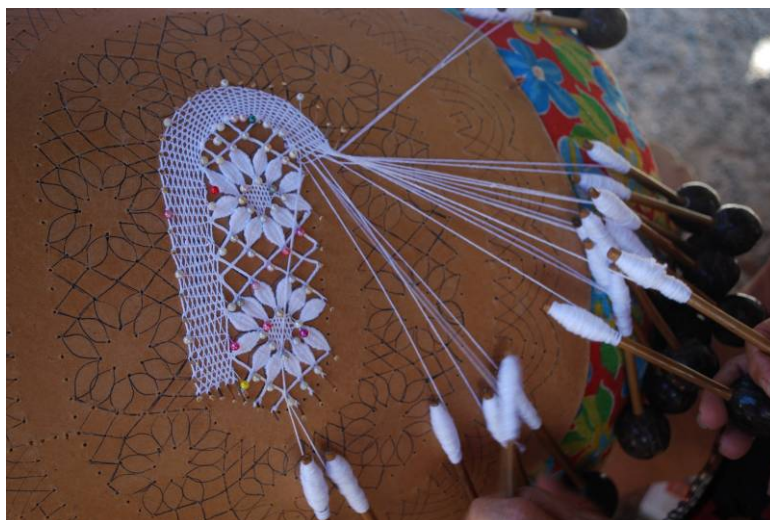


Figura 6 – imagem das peças necessárias do fazer renda: o papelão desenhado, a almofada, os bilros e os alfinetes. Foto: Eduardo Paschoal (2009).

Os fios são manejados por meio dos bilros, pequenas peças de madeira torneadas, uma espécie de haste de madeira com uma esfera no final (cabeça do bilro), para evitar que o fio escorregue. Sobre uma das extremidades enrola-se a linha para fazer a renda. Dessa forma, os bilros conduzem os fios para formar a renda. Ao serem movimentados pelas mãos hábeis das rendeiras, produzem um som agradável, provenientes do estalo das peças.



Figura 7 – imagem dos bilros. Foto: Eduardo Paschoal (2009).

Assim, para a confecção da renda são necessárias as seguintes peças: os bilros, a almofada, a linha, o papelão e os espinhos (alfinetes). Os bilros são os instrumentos utilizados para fazer os movimentos que originam o desenho e o pano da renda. A almofada é utilizada para apoiar e fixar o papelão e a linha, que é entrelaçada nos bilros e possibilita a concretização da renda. O papelão é o guia das rendeiras, também conhecido como cartão; é necessário “pinicá-lo” para que ele esteja pronto para ser utilizado. Já os espinhos (alfinetes) são usados para segurar o ponto. Na Prainha, as artesãs utilizam um cartão grosso de papel de caixa. O desenho da renda forma-se por meio do pinicado do papel.

Vale lembrar que os espinhos utilizados são de mandacaru¹². Atualmente, elas usam alfinetes também, mas preferem os espinhos de mandacaru, pois, além de não enferrujar, eles são mais firmes. As rendeiras relatam que está cada dia mais difícil encontrar espinhos, pois tanto não se tem mais quem os tire, como também a maior parte das plantações foi devastada. É por esse motivo que as artesãs começaram a utilizar os alfinetes industrializados.

“No tempo de minha mãe, num tinha isso [referindo-se aos alfinetes] aqui não, era tudo espinhos de cardeiros¹³.”¹⁴

As rendeiras diferenciam os espinhos dos alfinetes durante o fazer renda. Os espinhos são utilizados para prender o papelão na almofada, pois, além deles não machucarem e não danificarem o tecido da almofada, eles são mais firmes. Já os alfinetes, são utilizados para segurar o ponto da renda.

¹² Vegetação típica da região Nordeste do Brasil, mais conhecida como cacto.

¹³ Referindo-se aos espinhos de cacto, utilizados com alfinetes nas almofadas de renda.

¹⁴ Depoimento da rendeira Maria do Lauro realizado em 09 de setembro de 2009.



Figura 8 – Imagem dos espinhos de Mandacaru com a rendeira Maria ao fundo. Foto: Eduardo Paschoal (2009).

“Com o molde desenhado, ele tá pronto para o trabalho. Aí o que é que eu faço com o espinho grande do mandacaru? Eu vou fixar ele todinho na almofada. Fixo o papelão na almofada, aí eu vou começar a fazer a base, se eu não fizer a base dele, ele vai ficar todo solto.”¹⁵

A renda de bilro é constituída por duas partes: o pano, que é o fundo da renda, e o desenho, que é a parte que decora o fundo e que dá forma à renda.

“Tudo que a gente faz, tem que fazer primeiro a base, tudo, é uma camiseta, é um bolero, é uma saia. Você tem duas opção pra fazer a base: o pano ou a orela [referindo-se a orela do tecido]¹⁶.”¹⁷

“Depois da base feita, inicia-se o desenho.”¹⁸

Existem dois movimentos básicos na confecção da renda de bilros: o cruzar e o trocar. Conforme a rendeira Maria: “você passa esse aqui [referindo ao fio da

¹⁵ Depoimento realizado com a rendeira Maria em 08 de outubro de 2009.

¹⁶ A orela é a parte mais firme do tecido, a mais dura, que não desfia.

¹⁷ Depoimento realizado com a rendeira Maria em 08 de outubro de 2009.

¹⁸ Idem.

esquerda] por cima desse [referindo-se ao fio da direita], cruzando. Para fazer o trocado é o oposto”.

Deste modo, durante o movimento do cruzado, o fio da esquerda passa por cima do fio da direita. Já no movimento do trocado, o fio da direita passa por cima do fio da esquerda. Do emaranhado dos fios conduzidos pelos bilros, vai surgindo o formato do desenho. A feitura da traça, que também é conhecida pelas rendeiras como “barata ou baratinha”, representa a técnica básica na construção de vários desenhos. A traça é feita por meio do movimento de quatro bilros e apresenta o formato de pétala, para conseguir o desenho das flores. Nos desenhos da margaridinhas e das rosas, por exemplo, utilizam-se várias “baratas”.

Após curso ministrado por professores, organizado pela Ceart (Central de Artesanato do Ceará) ¹⁹, algumas das artesãs aprenderam a construir o desenho por meio do molde no papel milimetrado. Antes desse curso, somente as rendeiras que desenhavam “no olho”, conseguiam realizar o desenho. Após o desenho feito no papel milimetrado, ele é passado para o papelão para, assim, ser feita a renda.

2. Processo criativo das rendeiras da Prainha

“Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário.” ²⁰

A criatividade é uma característica inerente ao homem, um potencial associado ao viver, um fenômeno holístico, englobando todas as esferas e todas as potencialidades humanas.

¹⁹ A Ceart (Central de Artesanato do Ceará) foi inaugurada em 1981 com o objetivo de ser um espaço de vendas, de exposições e de oficinas de trabalhos artesanais produzidos no Ceará.

²⁰ Citação de Fayga Ostrower.

Para Ostrower (1987, p.71), o homem elabora seu potencial criador por meio do trabalho. É uma experiência vital. Nela, o homem encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas.

Analisando o processo criativo das rendeiras da Prainha, é possível perceber que a produção artesanal da renda de bilros está intimamente ligada à cultura desta comunidade.

O aprendizado do saber-fazer renda é transmitido pela tradição familiar de maneira bastante natural, as mulheres aprendem a dominar a renda na infância, experimentando esse universo.

Segundo Porto Alegre (1994, p.59), o aprendizado costuma se dar de maneira tão espontânea que a pessoa nem se dá conta de como aprendeu: “aprendi sozinho”, “aprendi vendo o povo fazer”, dizem.

Durante o processo de realização da produção artesanal da renda, não ocorre uma separação do saber sobre o fazer, mas sim uma junção das duas esferas. Faz-se necessário a utilização do domínio intelectual e também da técnica.

O artesão tradicional é o agente que conhece o meio onde se situa, domina técnicas para construir trabalhos manualmente e possui sensibilidade para criação. (VIVES, 1983, p.145)

Desse modo, a artesã expressa com as mãos aquilo que a sua capacidade inventiva concebe.

“O acabamento, ele é até mais importante que o desenho. É o principal.”²¹

²¹ Depoimento da rendeira Maria do Lauro realizado em 08 de outubro de 2009.

Conforme o depoimento da rendeira Maria, percebemos que o fundamental para a artesã não é a originalidade, o ser diferente, mas sim a busca pela perfeição. Porto Alegre (1994, p.109) salienta que, enquanto para alguns o trabalho artesanal representa apenas uma forma de sobrevivência, para outros pode adquirir outros sentidos, ser comparado à arte, explicado apenas por meio de um “dom” divino.

A fala da rendeira Maria do Lauro corrobora com o raciocínio da autora acima, mostrando que a invenção, a capacidade criativa do artesão, liga-se diretamente à necessidade de sobrevivência.

“Eu sei que a sobrevivência é uma coisa muito importante, Deus é muito maravilhoso, ele te dá o dom pra tudo.”²²

Cada artesã manifesta, através da atividade artesanal, expressões pessoais e afetivas que garantem a elas certa individualidade e originalidade, mas somente possível mediante o vínculo social. Cada uma delas desenvolve um estilo para a elaboração da renda, mas não deixa de ser influenciada por um padrão. Desse modo, o fazer renda revela sentidos e significados diferentes para cada rendeira, que está inscrita no mesmo meio de sociabilidade.

O fazer renda revela sentidos e significados diferentes para cada rendeira, que está inscrita no mesmo meio de sociabilidade.

Ao mesmo tempo em que a atividade artesanal é coletiva, pois é a marca de um grupo ou de um lugar, o artesanato é individualizado, pois a liberdade e a capacidade de gerar algo, o poder de criar e dar forma, é sempre único, determinado pelas “idéias na cabeça” no próprio artesão. (MENDES, 2009, p.67)

²² Depoimento da rendeira Maria do Lauro realizado em 08 de outubro de 2009.

Dentre as cinco artesãs entrevistadas no Centro das Rendeiras da Prainha, três delas (D. Elizabete, D. Maria e D. Olenir) desenvolvem os desenhos no papelão, incorporando o novo à tradição que, em permanente mutação, reatualiza a criação da renda de bilros.

O processo criativo dessas artesãs também pode ser definido pela inteligência, imaginação e inspiração, passando pelo constante manuseio que elas têm com seus artefatos e pelo domínio do saber-fazer.

A criatividade é intimamente vinculada ao trabalho humano, ou seja, os processos criativos surgem dentro dos processos de trabalho, nesse fazer intencional do homem que é sempre um fazer significativo. Duvidamos da necessidade de que as pessoas tenham que competir entre si, primeiro: para querer trabalhar, e segundo: para querer dar o melhor de si. (OSTROWER, 1987, p.142)

Em contato constante com o universo do seu trabalho, as artesãs encontram as diversas variações que a criatividade se une à melhoria do seu trabalho, enxergando soluções às problemáticas encontradas.

“Às vezes assim dá uma confusão, aí eu guardo, aí daí um pedacinho eu vou de novo, nem sempre sai na hora que eu quero.”²³

“Chegou uma moça aqui com um desenho rabiscado [referindo-se a uma estilista que a procurou], ela queria algo que parecesse com aquilo, mas não sabia como, pediu pra eu pensar ali dentro. Eu passei três dias e três noites quebrando a cabeça pra construir o desenho no papelão.”²⁴

“Eu durmo é tarde, depois de meia-noite, eu fico criando no papelão. Artista num cria nas horas que ta sozinho. A noite é melhor da gente pensar, a televisão fica ali parada e eu fico com a cabeça longe.”²⁵

²³ Depoimento da rendeira Elizabete realizado em 16 de outubro de 2009.

²⁴ Depoimento da rendeira Maria do Lauro realizado em 08 de outubro de 2009.

²⁵ Depoimento da rendeira Olenir realizado em 11 de novembro de 2009.

Nos depoimentos das rendeiras, é possível perceber o constante ato de experimentar o criar e as tentativas baseadas na capacidade de intuir, mesmo que inconscientemente, o momento da criação.

Não há como a inspiração possa ocorrer desvinculada de uma elaboração já em curso, de um engajamento constante e total, embora talvez não consciente. O indivíduo não precisa 'buscar inspiração'. Ele se apóia em sua capacidade de intuir nas profundezas de concentração em que elabora o seu trabalho. (OSTROWER, 1987, p.72)

Mesmo quando se chama a atenção para a agilidade e a habilidade manual dos artesãos, é impossível negarmos o legado da criação dentro da atividade produtiva. Habilidade, qualidade e criatividade fazem parte da construção de artefatos feitos manualmente.

No livro *a produção social da arte*, a autora defende que a atividade criativa ou inovadora está presente em todas as áreas da vida social e pessoal. (WOLFF, 1982, p.14). A criação, dessa maneira, se faz presente na atividade artesanal das rendeiras. Não há uma oposição entre o tradicional e o novo, a tradição e a criação caminham lado a lado, não permanecendo inertes, nem remetendo exclusivamente ao passado. As relações sociais modificaram-se, alterando a produção dos objetos artesanais. É importante salientarmos as transformações ocorridas, mas torna-se incoerente pensarmos em algo puro e imutável.

Considerações finais

O artesanato é uma atividade que persiste no Brasil, e uma grande parte desse rico legado encontra-se na região Nordeste. No Ceará, existe uma vasta produção artesanal em diversas tipologias.

É importante salientar que o enfoque deste trabalho consistiu na abordagem do processo criativo desenvolvido pelas artesãs da Prainha, analisando o ato de criar das rendeiras com suas ligações afetivas e sociais, um emaranhado de detalhes e histórias que cercam este criar tão específico.

O artesanato, enquanto elemento da cultura material detém uma série de reflexões relacionadas ao seu papel na sociedade contemporânea. Entre eles, podem-se destacar os aspectos sociais e sua identificação como “bem de consumo” que agrega uma série significados, valores culturais e referências simbólicas.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 1987

CARVALHO, Gilmar de. **Ceará feito à mão: artesanato e arte popular**. Fortaleza: Terra da luz Editora, 2000.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

MENDES, Francisca R. N. **A louça de barro do córrego de areia: tradição, saberes e itinerários**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará - UFC, 2009.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de Mestre: itinerários de arte e tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

VIVES, Vera de. **O artesão tradicional e o seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

WOLFF, Janet. **A produção social da arte**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

Recebido em: 14/10/2010

Aprovado em: 11/03/2011

Perfil das rendeiras entrevistadas

1.1 Elizabete de Castro

Elizabete de Castro nasceu na Prainha. É filha de pescador e rendeira. Desde 11 anos trabalha na almofada, aprendeu vendo sua mãe fazer renda. Aos 54 anos, a artesã já trabalhou em outros locais, mas nunca deixou de fazer renda. Ela aprendeu a desenhar²⁶ sozinha no mesmo momento em que aprendeu a fazer renda, um processo de descoberta durante a infância. Ela trabalha na almofada, desenha e desenvolve novos produtos e vende os desenhos para as colegas dentro do Centro das Rendeiras.

1.2 Francisca Olenir da Silva Vieira

Francisca Olenir da Silva Vieira nasceu na Prainha. Filha de pescador e de rendeira, ela aprendeu o ofício com mãe aos sete anos de idade. Hoje, aos 57 anos, com 50 anos de experiência na arte de fazer renda, defende a importância e as melhorias com a construção do Centro das Rendeiras da Prainha. Já foi presidente da Associação das Rendeiras²⁷, participou de projetos e cursos trazidos pela Associação, aprendeu a desenhar dentro de um curso realizado no Centro. Hoje, além de fazer a renda, ela também desenvolve o desenho.

1.3 Maria Cunha Henrique (Dona Santa)

²⁶ O termo “desenhar” é característico da oralidade das artesãs. Neste caso, significa o processo de elaboração de novos modelos de renda de bilros.

²⁷ A Associação das Rendeiras da Prainha surgiu no final da década de 1980, dez anos após a criação do Centro das Rendeiras, com o intuito de manter a ordem e a organização necessária para o bom funcionamento e o bom convívio de todas as artesãs.

Maria Cunha Henrique, conhecida por Dona Santa, nasceu na Prainha, “filha de pescador legítimo e rendeira legítima”, como ela mesma fala. Aprendeu a fazer renda aos 10 anos com a avó, pois sua mãe não tinha muita paciência para ensiná-la. O apelido “Santa” veio quando criança: a mãe dizia que ela era muito calma, tímida, parecida com uma santa. Casou-se aos 18 anos com um pescador, que também é pedreiro. Hoje, com seus 73 anos, aposentada, continua a trabalhar na almofada e sonha em ficar velhinha fazendo renda. Ela afirma que nunca teve cabeça pra desenhar, gosta mesmo é de mexer e entrelaçar os bilros.

1.4 Maria Helena Caetano Ferreira

Dona Helena nasceu na Prainha, filha de agricultor e rendeira. Aos sete anos, aprendeu a fazer renda numa almofada de coco, brincando na infância. O marido trabalha como gari na Prainha. Hoje, com 59 anos, sente muito orgulho de ser rendeira, como ela mesma relatou: “não é todo mundo que sabe fazer renda, tem de ter capricho”. Já participou de projetos nacionais, chegando até a ir a São Paulo, representando as rendeiras da Prainha. Guarda com bastante orgulho o livro, fruto desse projeto, onde em uma das páginas há uma foto sua.

1.5 Maria Pereira da Silva (Maria do Lauro)

Hoje com 64 anos, a rendeira Maria trança²⁸ a renda desde os seis anos de idade, labor que aprendeu com a sua avó. Dona Maria é mulher de pescador, conhecida na comunidade da Prainha como Maria do Lauro. Com sabedoria, ela afirma que “a sobrevivência é uma coisa muito importante, Deus é maravilhoso, ele te dá o dom pra tudo”.

²⁸ Trançar é o ato de entrelaçar os bilros para a construção da renda.

Autorização para uso de entrevista e imagem

Eu, Elizabeth de Castro

portador do RG: 886127

e do CPF: 39026671334

residente Rua do Monno s/n

no município de Aquiraz (CE), autorizo a utilização de minha imagem e permito a publicação de minha entrevista, concedida a Ana Julia Melo Almeida, entre os meses de setembro/2009 e dezembro/2009, para fins acadêmicos.

Estou ciente e autorizo a publicação de minhas declarações e de minha imagem em meios impressos e/ou eletrônicos, em todo território nacional, por tempo indeterminado.

Aquiraz, 10 de Outubro de 2010

Elizabeth de Castro

Assinatura

Autorização para uso de entrevista e imagem

Eu, Francisca Olenir da Silva Vieira
portador do RG: 555 483
e do CPF: 09769846368
residente Rua Alto Alegre s/n

no município de Aquiraz (CE), autorizo a utilização de minha imagem e permito a publicação de minha entrevista, concedida a Ana Julia Melo Almeida, entre os meses de setembro/2009 e dezembro/2009, para fins acadêmicos.

Estou ciente e autorizo a publicação de minhas declarações e de minha imagem em meios impressos e/ou eletrônicos, em todo território nacional, por tempo indeterminado.

Aquiraz, 10 de Outubro de 2010

Francisca Olenir da Silva Vieira

Assinatura

Autorização para uso de entrevista e imagem

Eu, Maria Helena Caetano Ferreira

portador do RG: 889991

e do CPF: 30897912349

residente Rua da Iguaja, 22

no município de Aquiraz (CE), autorizo a utilização de minha imagem e permito a publicação de minha entrevista, concedida a Ana Julia Melo Almeida, entre os meses de setembro/2009 e dezembro/2009, para fins acadêmicos.

Estou ciente e autorizo a publicação de minhas declarações e de minha imagem em meios impressos e/ou eletrônicos, em todo território nacional, por tempo indeterminado.

Aquiraz, 10 de Outubro de 2010

Maria Helena Caetano Ferreira

Assinatura

